

O Reino de Gonçalo M. Tavares: O Discurso do Poder e das Dismorfias

Maria da Graça Ribeiro

Universidade de Évora

Resumo: A dicotomia forte/fraco funciona como o eixo gravitacional do elenco das personagens que pertencem ao *Reino*. Lenz Buchmann e Theodor Busbeck, personagens fortes e, em simultâneo, prisioneiras da respetiva supremacia intelectual, são tanto mais perversas quanto o leitor as identificar em contextos sociopolíticos não ficcionais. Na origem do seu poder, enunciaremos procedimentos técnicos, teorizados por Foucault, que controlam o corpo, os gestos e o discurso, estabelecendo correspondências perversas entre observador-observado e caçador-presa, respetivamente. As personagens fortes agem na negação do reconhecimento de uma força maior à do homem. Paradoxalmente, não são suficientemente fortes para resolver a sua inquietude e terminam mutiladas num processo de fragmentação física e moral subjacente, afinal, à condição do homem moderno. No *Reino*, esse estado de incompletude é verificável na ausência, na aceitação, ou na hesitação, da existência de Deus. O pressuposto de Nietzsche de que o homem não existe como força enquanto Deus existir para o homem corrobora a tese de que Deus, ainda, existe no Reino. Encontramos implícitos nexos frutuosos com a “crise da razão” (na expressão de J. W. Burrow relativa aos finais do século XIX e início do século XX), proporcionada e ampliada pelas obras de Nietzsche, Marx e Freud, e a relação ambivalente entre Homem e Técnica (Oswald Spengler), tão determinantes, afinal, para o Modernismo e para as Vanguardas do século XX.

Palavras-chave: Gonçalo M. Tavares, homem moderno, poder, Deus

Abstract: The weak/strong dichotomy is the gravitational axle of the cast character belonging to the *Kingdom*. Lenz Buchmann and Theodor Busbeck, strong characters and simultaneously prisoners of their own intellectual supremacy, are all the more perverse as the reader identifies them in non-fictional social and political contexts. As the origin of its power, we will enunciate technical procedures, by Foucault, that control

the body, gestures and speech, establishing perverse correspondences between observer-observed and hunter-prey. The strong characters act in the negation of the acceptance of a bigger force to the one of man. Paradoxically, they are not strong enough to solve their disquiet and end up mutilated in a process of physical and moral fragmentation, which underlies the modern human condition. In the *Kingdom*, this state of incompleteness is expressed in the absence, in the acceptance, or in the hesitation, of the existence of God. Nietzsche's presupposition that man does not exist as force while God exists for man confirms the thesis that God still exists in the *Kingdom*. We find implicit fruitful connections with the "crisis of reason" (in the expression of J. W. R Burrow regarding the end of the 19th century and the beginning of the 20th), provided and extended by the work of Nietzsche, Marx and Freud, and the ambivalent relation between Man and Technique (Oswald Spengler), so decisive, after all, for Modernism and the avant-gardes of the 20th century.

Keywords: Gonçalo M. Tavares, modern man, power, God

Para existir Movimento é necessário Eu e o Outro.

Se acabou o que não sou Eu, acabou o Eu, pois acabou o Movimento.

Deus não se Move porque não há o OUTRO.

Deus ou é Morto ou tem OUTRO, um OPOSTO.

Deus ou é Morto ou não é TUDO. (Tavares 2002: 30)

1. DISCURSO | Isotopias - lentidão (I)

O desafio epistemológico do escritor Gonçalo M. Tavares presente no corpus denominado por "livros pretos" constitui-se *per se* o incontornável *a priori* da argumentação que se seguirá, na medida em que o desenvolvimento da literatura, da história e da filosofia não se pode ler de forma inseparável do movimento da sociedade com as suas ordens e desordens. O escritor não esconde, bem pelo contrário, evidencia o pensamento não convencional, numa perspetiva ideológica contra o já estabelecido e, inconscientemente, aceita para, desconstruindo, colaborar, afinal, na estética de uma moderna arquitetura moral. Neste processo, o tempo, fixação do ideário tavariano, alicerçado na dicotomia "lentidão" - "velocidade", emerge como a espacialidade hodierna da razoabilidade da acção humana. E qual será a preferência rítmica do senhor Tavares? A

lentidão com que passeia e observa o seu *Bairro*? Ou a velocidade que subjaz ao prenúncio da queda do *Reino* que observa e sobre o qual conclui: “Os castelos começavam a desmoronar-se e os Reinos perdiam a força e multiplicavam os reis até ao ponto em que estes se confundiam com empregados de mesa”? (Tavares 2007:74)

Respigo a perspetiva de José Gil que relaciona o ritmo do pensamento com o ritmo da respiração, quer isto dizer que quando se retém a respiração o pensamento abranda, torna-se mais lento porque “não é movido por forças exteriores a si próprio”, mas ao mesmo tempo fica mais livre por estar “desligado dos ritmos do corpo” (Gil 2005:188). Em síntese: “A lentidão é aprofundamento do tempo: na lentidão cada sequência temporal se desdobra segundo a flecha do tempo e, todavia, retém-se infinitamente, produzindo a ubiquidade do presente extenso capaz de se dilatar até ao infinito, de tal maneira que pode incluir (no seu espaço de tempo, que é um espaço-tempo) qualquer outra sequência temporal” (*idem*: 189-190).

A atitude de “*re-parar*”, tão cara a Tavares, inscreve-se no intervalo espacial para o qual o “aprofundamento do tempo” convoca. No entanto, para Lenz de *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, o elogio da lentidão tem dois significados. Recupero uma frase com que Lenz define a sua conduta, “o medo é o mistério que a velocidade esconde” (Tavares 2007: 223), para evidenciar que, enquanto cirurgião, a velocidade pressupunha medo, requerendo a sua competência paciência, lentidão, enquanto político, o poder está em forçar as pessoas ao movimento, à velocidade que impede o pensamento e que ditará a alienação, não no sentido absoluto que Karl Marx lhe atribuiu, embora a ideia também lhe seja intrínseca, mas no sentido que Hegel recuperara da Roma Antiga a alienação seria uma “falsa consciência infeliz”. Parar para ver, voltar a parar (*re-parar*) para ser lúcido.

Isotopias – lucidez (II)

Pese embora a pragmática narratológica, os romances do *Reino* apresentam-se como um tratado da natureza e dos limites do conhecimento naquilo que ele inclui no seu percurso valorativamente lúcido ou errático no espírito da modernidade. Por isso, na obra

de Tavares, importa confirmar esse todo orgânico, na senda de uma legibilidade arrolada por questões que, sobretudo desde o século XIX, têm vindo a inquietar o homem e que nos romances *Um Homem: Klauss Klump*, *A Máquina de Joseph Walser*, *Jerusalém* e *Aprender a Rezar na Era da Técnica* se impõem como sujeito-objeto do período que Burrow, em *The Crisis of Reason*, situa entre a Revolução Industrial e o início da primeira guerra mundial. Ancorada neste referente temporal, a aceleração vertiginosa do processo de desenvolvimento científico e tecnológico, do pós 2.^a Guerra, catapultou para a história contemporânea, para o ciclo filosófico moderno, a dialética da modernização e do modernismo que os “livros pretos” de Gonçalo M. Tavares metaforizam. A este propósito, verifica-se que é numa genuína recusa de mera representação que é percebido o significante como objeto fragmentado a convocar leituras. Será, então, por via da transmutação que todo o processo da parábola passa à entidade leitor a responsabilidade de «*inter-legere*», e aqui recorro ao pensamento de Eduardo Prado Coelho:

aquele que tem a capacidade de compreender, porque é capaz de *inter-legere*, isto é de escolher naquilo que há para ler o que vale a pena ser lido, e escolher no atropelo dos textos o que vale a pena ser retido para dar aos textos o sentido que eles têm (...) porque ler coloca-nos sempre no futuro de cada texto: o leitor escreve para que seja possível. (Coelho/ Gusmão 2001:79)

Nesta linha, a depuração da linguagem e o próprio ritmo expurgado dos livros responsabilizam o leitor por essa escrita última que seduz e o deixa num novo espaço, num lugar – limpo – entre a inquietude e a vigilância; a competência tavariana de instaurar a perplexidade, de transferir um estado de ingenuidade para o de alerta, proporcionando o acesso à “*lucidez*” (do lat. *lucidu-*, claro, brilhante), confere indubitavelmente uma função social à escrita/leitura, numa dinâmica que considero de mediação interventiva. Não obliterando a importância da recorrência ao tema “*electricidade*” na associação valorativa-temporal tavariana, fundamento o seu enquadramento em três ordens de ideias. A primeira, na sequência de uma era posterior à do metal, das armas e das bombas. A *electricidade*, marcando uma viragem na era da técnica, corporiza, no último livro da tetralogia, a rendição ao apelo da tecnologia; a segunda por, alegoricamente, representar o uso da razão

e conseqüentemente o afastamento do transcendente: “A electricidade, dizia Lenz, tornara ridículas certas instituições sobre o divino. Não se pode confundir o que mete medo e respeito com uma electricidade potente” (Tavares 2007: 27). E, finalmente, a luz (do lat. *luce-*) impõe-se como a resolução derradeira da falência moral do homem moderno. Impondo, desde já, alguma prudência à “inter-legibilidade” que me assiste, observo: a lucidez constitui-se nos livros de Tavares, já que ela está para além do *Reino*, como a fuga à desumanização, como apelo singular à bondade?

O resto do corpo não existia. Pelo menos, não o sentia. Desaparecera. Estava, pois, só: Lenz Buchmann, deixado para trás, sozinho com os seus olhos. A luz, essa, não parava de o chamar. Queria sentir ódio, mas não conseguia. Ela tranquilizava e chamava-o. (idem: 375)

2. DA PROBLEMÁTICA DO REINO

Os quatro livros pretos que Gonçalo M. Tavares reuniu no *Reino* como romances perfilam um universo ficcional indelevelmente comprometido com a força moral das personagens protagonistas. Aduzido o facto de nos dois últimos romances, *Jerusalém* e *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, as respetivas personagens, Theodor Busbeck e Lenz Buchmann, se posicionarem no mundo de formas muito semelhantes ética e profissionalmente, distingui-las-ei apenas naquelas dissemelhanças que, para a temática, considerar relevantes.

Pela falta de referentes espaciais concretos, constituem-se os nomes das personagens como correferentes anafóricos de um espaço germânico e germanizado, comprometido com uma supremacia totalitária, de todo o modo incontornável na abordagem narratológica, mas cuja transposição para a realidade atual – atrevo-me a dizer, trágica – acentua o lado premonitório desta escrita. Ainda assim, as personagens movimentam-se num espaço ideológico indeterminado, contemporâneo e globalizante.

O Reino é dominado por figuras negras cuja assumida superioridade assusta e perturba para, de seguida, convocar o que de mais visceral se esconde no ser social que habita o leitor, ou, em linguagem “pró-Reino”, no potencial súbdito do mal. O que as torna,

neste caso, tão repulsivamente fascinantes e, em simultâneo, tão irrepreensivelmente modernas e fragmentárias/fragmentadas?

I (resposta)

No conceito de espírito livre postulado por Nietzsche, em *Humano, Demasiado Humano*, aquele que pensa de forma diferente do que se espera dele será o homem do futuro. Contudo, para o filósofo, nem a Filosofia, nem a Ciência cumpriram o seu objetivo de criarem espíritos verdadeiramente livres, cabendo ao homem descobrir-se como Humano. Acresce a ideia precursora de que a morte de Deus daria lugar a algo completamente novo, a liberdade absoluta do homem como medida do universo, descrevendo, deste modo, o que seria/o que foi o nascimento do mundo moderno. Todavia, foi nesse contexto de liberdade – sem referente – que o enfraquecimento das certezas morais e intelectuais deixou o homem confuso perante a crueldade e o absurdo de uma realidade inelutável. As personagens dominadoras de Tavares, as que se querem impor pela força, são vozes deste contexto niilista. Em concreto, Theodor Busbeck, o médico/investigador de *Jerusalém*, e Lenz Buchmann, o cirurgião/político de *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, usam a capacidade de curar e de, paradoxalmente, destruir os mais fracos; o leitor hesitará entre a aceitação gerada pelo reconhecimento da competência técnica, pois ambos são brilhantes, e a repulsa pela sua ação centrada no Mal. Nietzsche, para quem o Bem e o Mal viviam numa relação de dependência mútua e por isso se tornavam indistintos, validaria, decerto, nestas personagens ficcionadas, o arquétipo de homem moderno. Na realidade, na tetralogia, perigosamente, Razão e Mal não se encontram dissociados, chegando o primeiro a validar o segundo; em *Jerusalém*, Gomperz, diretor do hospício, consegue ser mais violento do que os loucos, apesar de toda a racionalidade que lhe está intrínseca; o mesmo se passa com o médico de *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, que quer ser apenas reconhecido pela sua competência técnica: “Não o irritava ser considerado competente mas sim que essa competência fosse confundida com uma certa bondade, sentimento que desprezava em absoluto” (Tavares 2007: 32). A perplexidade na leitura destes romances advém, inúmeras vezes, da tensão da moral às avessas em que pensamentos, ou ações, inesperadamente

perversas, mesmo criminosas, se apropriam do tempo e do espaço, fomentando no leitor a validação da respetiva humanidade.

II (resposta)

Confirmam, ainda, esta característica “demasiado humana” as personagens secundárias que dão a consistência de que Busbeck e Buchmann necessitam, sendo o objeto do respetivo poder e servindo para validar o seu lado negro e, paradoxalmente, sedutor. Por um lado, os fortes precisam de afirmar o seu domínio sobre os fracos; porém, é o intrinsecamente humano dos mais frágeis que sustenta a existência dos fortes, proporcionando-lhes (nos), por um lado, a plena competência da perversidade, mas por outro o poder que também é deles. A relação que acabo de inferir é suportada por Foucault, para quem o poder não é pertença de alguns, já que ele funciona não como um objeto, mas como uma máquina social, situando-o nas práticas e nas relações; por esse motivo, se entende que as lutas contra o exercício do poder são sempre resistências dentro da mesma rede à qual, obviamente, ninguém escapa. Por conseguinte, o poder não tem apenas a função de reprimir; ele produz riqueza, material, é certo, mas também rituais de verdade, não esqueçamos que, sobretudo, a partir do século XIX, o Poder e o Saber se encontram associados. Um outro fator inerente ao exercício do Poder é a importância do Corpo, não já como objeto de castigo – ressalvo a violência na descrição do suplício na Primeira Parte de *Vigiar e Punir* – mas para o controlar e para manipular comportamentos; o que legitimará, então, o poder político de Buchmann será a gestão da vida das pessoas para aproveitar e potenciar as suas capacidades de animal político. À semelhança de um vigilante numa torre panóptica,¹ Buchmann observava, da sua janela, as pessoas comuns, apreciava o facto de aquele ponto lhe permitir uma “especialização do olhar” (Tavares 2007:139) e pensava que “[q]uem construía aquelas janelas, com aquela localização, naquele andar concreto do edifício, percebia certamente não apenas de arquitectura mas também de política” (*ibidem*).

A atitude submissa do ser coletivo é a descoberta que leva o cirurgião Lenz, no funeral do irmão, a esboçar o seu projeto político, uma vez que queria ser saudado com a mesma “sabujice” (Tavares 2007: 85) coletiva que o presidente da cidade, pois como

médico “nunca fora cumprimentado como um país ou uma cidade” (*idem*: 86). Lenz, a partir de então, apreciará operar a doença de uma cidade inteira, não já com o bisturi, mas dando “*Algum pão e algum medo*” (*idem*: 89). Este exercício de poder individual tem como consequência um programa político de intenções mutiladas, porquanto é subestimada a relação dinâmica de poder, de acordo com o já exposto.

Assim, enquanto Busbeck procura, na sordidez de uma pensão barata de prostitutas da Rua Klirk Purch, a satisfação sexual à margem de uma conduta socialmente adequada ao seu “status” intelectual, também Buchmann precisará do louco Rafa, e de outros vagabundos observadores, para, dominando a mulher e os “assistentes”, se excitar e consumir o ato sexual com Maria Buchmann, na cozinha, num comportamento exibicionista a soçobrar o agorafílico. O facto de a competência sexual existir somente quando validada pelo louco, desloca o exercício de poder para o campo do irracional, o mesmo que impulsionara Lenz Buchmann, anos antes, quando o pai o obrigara a avançar sobre a criada na sua presença “Parecia que as três pessoas presentes – incluindo ele – nada viam e precisavam daquele auxílio: o louco descrevia cada um dos gestos” (Tavares 2007: 240).

O reverso afigura-se igualmente perverso, contudo humano: o trágico da condição dos fortes é a vontade de eliminar, de apagar as forças fracas que lhes devolvem, de forma espelhada, a própria fragilidade da sua condição demasiado humana. Mesmo carecendo da legitimação das personagens “fracas” para existir, Lenz Buchmann não hesitará em assassinar a mulher e o vagabundo.

Desprezava as pessoas que participavam nesses seus momentos de desordem (...) pois eram cúmplices do assalto à sua vontade própria; a sua mulher os outros participavam de uma revolta que, mesmo temporariamente, lhe retirava o domínio sobre os outros. (Tavares 2007: 195)

III (resposta)

Ainda de acordo com a tese de Foucault, o corpo, encontrando-se preso pelas obrigações e limitações, deveria ser mantido ao nível da mecânica. O filósofo destaca o exemplo do soldado por estarmos perante um corpo corajoso, valente (inicialmente um

camponês) que se transformou numa máquina e cujo automatismo o tornaria sempre disponível. A esta mecanização de sujeição do corpo Foucault chamou “*microfísica*” (Foucault 2010a: 134) do poder, definindo-a no âmbito de “uma anatomia política do detalhe” (*ibidem*) na medida em que aspetos da educação cristã, das pedagogias escolares e militares, do treino em geral, contribuem para transformar o homem num ser disciplinado que corresponda ao modelo hodierno do humanismo. No postulado deste pensamento, circunstancio dois aspetos na tetralogia: i) *strictu sensu*, a disciplina surge, naturalmente, ligada a fatores como a genética e a profissão. O pai de Theodor Busbeck fora um ilustre político, o pai de Lenz Buchmann um estratega militar, ambos os filhos médicos, um envereda pela investigação, outro pela política, com um objetivo inflexível comum: ultrapassarem o poder no seu sentido mais restrito. Busbeck, que, enquanto médico, salvaria apenas indivíduos, com a sua investigação alarga esse poder a seres que antes nunca chegaria a conhecer. Por sua vez, Lenz, na ambição do reconhecimento coletivo da sua competência, opta pela carreira política. A circularidade guerra-política constante no *Reino* é delimitada também por Michel Foucault: se por um lado a guerra é a estratégia que dá continuidade à política, por outro, a política é a continuação da guerra naquilo que o seu modelo militar contém de prevenção do distúrbio civil; ii) *latu sensu*, nos romances tavianos, a resolução desta unidade político-militar encontra-se visivelmente orientada do primeiro ao último livro. *O Reino* começa com a guerra e a prisão de um homem, passa ao tédio resultante da banalização da guerra, desloca-se para a loucura, sobretudo de Busbeck,² cuja ideologia política consiste em testar o horror ao limite, culminando na intenção manipuladora do médico Lenz Buchman que, por via de um cargo partidário, quer exercer o poder totalitário numa “nova metodologia aplicada à existência” (Tavares 2007: 103).

Partindo, precisamente, dos avanços científicos pós Segunda Guerra, Oswald Spengler e Max Weber, dando continuidade ao niilismo de Nietzsche, destacam-se, ao chamarem a atenção para os dois movimentos do pensamento do filósofo alemão: um positivo e um negativo. O primeiro tem o seu desempenho na crítica e no desmascaramento de ideias que acabam por revelar a ausência de verdade, enquanto critério absoluto e

universal e, portanto, nos convocam perante a nossa própria liberdade e responsabilidade já não controladas por forças estranhas ao Homem; o segundo, quando na dinâmica liberdade/responsabilidade prevalecem traços iconoclastas como o declínio, a incapacidade de avançar, a possibilidade do vale-tudo e do resvalar para o perigoso silogismo dostoievskiano “Se Deus está morto, então tudo é permitido”.

Acresce ainda, para Spengler (1993: 40), a finalidade da Técnica ir muito para além da simples conceção de máquinas, e, no mundo animal em geral, permitir a movimentação no espaço, reforçando uma relação de autonomia e de independência que proporcionará ao ser aquilo de que o autor denominou “uma qualquer superioridade”.³ Deste modo, se a “tática” de vida determina a sua história, a livre mobilidade decide sobre a superioridade ou inferioridade do homem. Trata-se, agora, de impor ou de sofrer o destino. Compreende-se, em situação, que a técnica seja o movimento, afinal a luta, no seu sentido bélico-estratégico pela vida superior que os dois médicos dos “livros pretos” escolheram. Lenz Buchmann-cirurgião cujo reconhecimento profissional resulta da sua “perfeição”, da técnica, no sentido que Spengler lhe atribui, pois é a sua tática que o torna um “habilidoso” e “ágil” condutor de automóveis como Lenz gosta de se imaginar, partindo, contudo, de um princípio enviesado: que o automóvel seria o doente.

No reconhecimento dos perigos numa sociedade centrada na tecnologia, Frankenstein faz, curiosamente, uma prudente advertência ao capitão Robert Walton:

Aprenda, se não pelos meus preceitos, antes por meu exemplo, o perigo que representa a assimilação indiscriminada da ciência, e quanto é mais feliz o homem para quem o mundo não vai além do seu ambiente quotidiano, do que aquele que aspira tornar-se maior de que sua natureza lhe permite. (Shelley 1977: 56)

IV (resposta)

Busbeck/Buchmann confrontam-nos amiúde com os nossos próprios limites, mas concomitantemente com as nossas capacidades, em particular, o desejo de um conhecimento mais amplo e profundo. Por isso, acontece uma inominável identificação com as personagens naquilo que têm de inteligentemente perverso, que, surgindo de surpresa,

transporta o leitor para a espacialidade do inenarrável (des)humano e para um tempo, embora infinitesimal, de sujeição a certas energias pulsionais que Freud, por via da felicidade ataráxica, explica como pertencendo ao domínio da vida instintiva. Afinal, “A sensação de felicidade resultante da satisfação de um impulso instintivo selvagem e não submetido ao ego é incomparavelmente mais intensa do que a satisfação de um instinto domesticado” (Freud 2008: 28), sendo os “impulsos mais perversos” (*ibidem*) colocados no sedutor campo do irresistível.

O leitor tavariano é deixado no limiar entre a repulsa pela desumanidade e a aceitação da possibilidade de transgressão, tornando mesmo legíveis certos dispositivos da vontade humana, desconhecidos umas vezes, outras escondidos, mas que se vão revelando de forma transmutada. Maria Antónia Lima justifica esta identificação do leitor com o lado negro de personagens intelectuais, como o Drácula de Bram Stoker ou Hannibal Lecter de Thomas Harris, do seguinte modo:

não só por possuírem intelectos brilhantes, mas porque paralelamente a este facto são assassinos implacáveis, simultaneamente insaciáveis no seu desejo de erudição e de destruição. O seu carácter ambíguo produz em nós reacções contraditórias, por apresentar ao mesmo tempo uma ameaça e um objecto de fascínio. (Lima 2006: 52)

V (resposta)

Para Theodor Busbeck, “[o] homem saudável quer encontrar Deus” (Tavares 2005: 61). E o “instinto científico” de que se orgulhava era resumido numa frase: “um homem que não procure Deus é louco. E um louco deve ser tratado” (*ibidem*). Podemos identificar em Busbeck/Buchmann um anticristo na senda de Zaratustra, aquele que dirigiu a sua palavra aos poderosos e não aos desfavorecidos. Diferentes analogias podem, também, ser estabelecidas com *Assim Falava Zaratustra* de Nietzsche: assinalo e correlaciono o simbolismo dos animais – a águia, representante da força, da grandeza e da majestade (adotada pelo regime nazi...), e a serpente, símbolo do mal e da eternidade – com traços psicológicos evidenciados pelas personagens dominantes Busbeck/Buchmann cujo orgulho,

arrogância e astúcia se opõem, também, ao simbolismo do cordeiro (o sacrifício) e do peixe (a felicidade, fraternidade, amor), afinal, os animais de Cristo.

VI (resposta)

A fragmentaridade das personagens e do seu devir firma-se, sobremaneira, no truncamento das relações afetivas, podendo constituir-se, como objeto de análise, a sexualidade vinculada à não-procriação. Lenz assume não querer ter filhos para que o nome Buchmann não enfraqueça, já que pretende “*estancar a produção de fracos. Não quero que um médico da geração seguinte venha a salvar a vida de uma criança com o meu nome. (...) por ele, o Reino iria terminar ali*” (Tavares 2007: 80).

O esvaziamento ontológico revela-se apogético, ainda que coerente, também na determinação das personagens fortes cortarem os laços familiares, agora, com o passado. Busbeck fica aliviado pela perda dos progenitores, já que “com a História privada eliminada de vez, ele podia concentrar-se na História pública, na história dos homens e dos acontecimentos mais relevantes. Na história da cabeça humana e das suas perturbações” (Tavares 2005: 150). Também Buchmann, quando o irmão Albert morre, se sente orgulhoso por recuperar, em absoluto, o nome Buchmann, considerando-se, aliás, filho único a partir do momento em que Gustav Liegnitz, a seu pedido, apagou do brasão o nome do irmão, Albert.

Ressalvo outros espaços de existência truncados, como a anteriormente mencionada necessidade de exibicionismo, a negação ou desprezo pela figura feminina, mesmo da própria mãe (de Theodor, de Lenz, de Kaas), a existência de corpos falhados – Joseph Walser sem o dedo, Clarko tetraplégico, Kaas com pernas e fala deficientes, Gustav Liegnitz surdo-mudo –, a incompetência sexual de Klaus Klump a Lenz Buchmann, passando por Joseph Walser, cuja falta do dedo impede o desfecho do ato sexual:

Walser concentrava-se nos movimentos do seu pénis, a entrar e a sair, e, cada vez mais excitado, tinha começado a puxar-lhe com força os cabelos quando sentiu um empurrão súbito para fora. Claire empurrava-o! – Pare, por favor! – disse ela. – Acenda as luzes. Walser ficou parado. – Desculpe, senhor Walser – disse Claire. – É o seu dedo. Não consigo esquecer-me dele! (Tavares 2006: 167-168)

A anulação total de valores relacionados com a dimensão de transcendência estilhaça, inequivocamente, a unicidade das personagens tavianas. Posso mesmo concluir que a assunção da morte de Deus faz surgir um novo reino na terra, baseado num princípio moderno, demasiado moderno: a Razão. Todavia, será no êxtase de uma luz, que não unicamente “eletricidade”, que Lenz Buchmann se deixa levar, finalmente apaziguado.

“Onde está Deus, mesmo que não exista? Quero rezar e chorar, arrepender-me de crimes que não cometi, gozar e ser perdoado como uma carícia não propriamente materna” (Pessoa 2008: 250).

(no fim)

O universo de crueldade moral e física, ligado ao sofrimento de existir, não se exaure na ação das personagens tavianas porque a ele está inerente uma estética contemporânea de expressão filosófica integradora de contextos ideológicos múltiplos e multiplicados. Para lá de uma leitura facilitada pela recente crise global, os “romances pretos”, inscritos num determinado contexto histórico – a 2.^a Guerra e o Holocausto –, estilhaçam o tempo e o espaço que o homem pensava definido e mobilizam o leitor para princípios éticos hoje, mais do que nunca, essenciais para a vida em sociedade:

o impulso de naturalizar o mal nasceu do desejo de o domesticar e de o controlar. Mas quanto maiores quantidades de mal são domesticadas, mais a qualidade do mal desaparece. Isto deixa-nos com o receio de que o mal não tenha sido capturado, mas trivializado. Aquilo que é banal não abala o mundo; faz parte dele. (Neiman 2005: 264)

Bibliografia

Burrow, John Wyon (2000), *The Crisis of Reason: european thought*, YALE.

Belo, Duarte/ Coelho, Eduardo Prado/ Gusmão, Manuel (2001), *O leitor escreve para que seja possível*, Lisboa, Assírio e Alvim.

Foucault, Michel (2010a), *Vigiar e Punir*, Rio de Janeiro, Editora Vozes.

-- (2010b), *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal.

Freud, Sigmund (2008), *O Mal-Estar na Civilização*, Lisboa, Relógio D'Água.

Gil, José (2005), *A imagem-nua e as pequenas percepções*, Lisboa, Relógio D'Água.

Lima, Maria Antónia (2006), " Monstros intelectuais: uma monstruosidade oculta", Revista *Pretextos*, número 8, p. 52.

Neimar, Susan (2005), *O Mal no Pensamento Moderno*, Lisboa, Gradiva.

Nietzsche, Friedrich (2000), *Assim Falava Zaratustra*, Lisboa, Guimarães Editores.

-- (1997), *Humano, Demasiado Humano*, Lisboa, Relógio D'Água.

Pessoa, Fernando (2008), *Livro do Desassossego*, Lisboa, Relógio D'Água, 250.

Shelley, Mary (1977), *Frankenstein*, Lisboa, Novaera.

Spengler, Oswald (1993), *O Homem e a Técnica*, Lisboa, Guimarães Editores.

Tavares, Gonçalo M. (2002), *Investigações Novalis*, Lisboa, Difel.

-- (2003), *Um Homem: Klaus Klump*, Lisboa, Caminho.

-- (2005), *Jerusalém*, Lisboa, Caminho.

-- (2006), *A máquina de Joseph Walser*, Lisboa, Caminho.

-- (2007), *Aprender a rezar na Era da Técnica, Posição no Mundo de Lenz Buchmann*, Lisboa, Caminho.

NOTAS

¹ A propósito do Panóptico de Bentham, Foucault refere:

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças aos seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens: um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça. (Foucault 2010: 194).

² Os comportamentos das personagens Busbeck e Gomperz, o diretor do Hospício, revelam maior alienação mental, porque causadores de maior estranheza, do que, propriamente, os dos loucos de *Jerusalém*.

³ Há quanto tempo existe este tipo de predador inventivo? Ou, o que é o mesmo, há quanto tempo existem homens? Que é o homem? E como é que ele chegou a ser homem?

A resposta é: o homem se fez graças à mão. A mão é arma sem igual no mundo dos seres que se movimentam livremente; basta que com ela comparemos a pata, o bico, os chifres, os dentes e diversas extremidades de outras criaturas. (Spengler 1993: 61)